

Saída de dólares pode chegar aos US\$ 2 bilhões

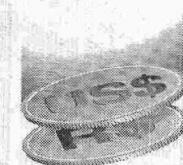
Uma série de más notícias anulou as boas, como a aprovação de parte do ajuste fiscal no Congresso

CLEIDE SÁNCHEZ RODRÍGUEZ

Poderia ter sido menos desastroso, mas a fragilidade do quadro brasileiro fez com que uma série de fatos sufocasse qualquer lâmpo de otimismo no mercado de câmbio de ontem, que pode ter culminado com um fluxo cambial negativo perto dos US\$ 2 bilhões. Por volta das 20 horas, o saldo líquido, que corresponde à diferença entre o volume de compra de dólares e o de venda, estava negativo em US\$ 1,669 bilhão. Como os registros das operações de câmbio são feitos no sistema eletrônico do Banco Central (BC) até as 21 horas, os dados parciais poderiam sofrer alterações substanciais.

Na parte da manhã de ontem, o preço do dólar comercial abriu em queda com o mercado relativamente animado com a aprovação, na noite de quarta-feira, de pontos importantes do ajuste fiscal. Chegou a sair negócio com dólar a R\$ 1,305 para venda, o que representa uma queda de 1,5% em relação ao novo teto fixado para a banda larga, de R\$ 1,32.

No início da tarde, porém, o dólar iniciou uma firme trajetória de



**BANCO
CENTRAL FEZ SÓ
UM LEILÃO NO
COMERCIAL**



alta depois de anunciado o rebaixamento da dívida soberana do Brasil por uma das mais importantes agências de classificação de risco, a Standard & Poor's. A alta foi sustentada por movimento crescente de compra da moeda norte-americana.

Depois do rebaixamento, outra notícia: a possível demissão de Cláudio Mauch, diretor de fiscalização do Banco Central (BC), considerada pelos analistas como tardia. "Por que ele não saiu com o Gustavo Franco para o mercado digerir as duas saída de uma vez só?", comentavam operadores.

Depois da demissão, novo rebaixamento da S&P, desta vez para as dívidas de três Estados brasileiros. E, por fim, declarações de um banco de investimento internacional sobre os desdobramentos (nada favoráveis) da desvalorização do real.

Por volta das 15 horas, o BC fez o único leilão de dólar para abastecer o mercado, que a essa altura já estava para lá de "seco" (sem moeda).

Depois do rebaixamento, outra notícia: a possível demissão de Cláudio Mauch, diretor de fiscalização do Banco Central (BC), considerada pelos analistas como tardia. "Por que ele não saiu com o Gustavo Franco para o mercado digerir as duas saída de uma vez só?", comentavam operadores.

E certo que existem os papéis do

governo, mas eles destinam-se a quem tem caixa disponível. No mercado futuro, porém, pode-se fazer hedge protegendo algum passivo em dólar. Um recebível, por exemplo. Os investidores acabaram recorrendo ao mercado futuro de juros, pressionando as taxas.

No início da noite, a BM&F comunicou o mercado das alterações nos limites de oscilação de preços para os contratos futuros de dólar comercial e flutuante e nos contratos de cupom cambial (DDI), já a partir do pregão de hoje.

A entidade comunicou ainda que poderá alterar ou revogar qualquer limite mediante prévia comunicação ao mercado, com 30 minutos de antecedência. As medidas visam a atender à demanda por operações de hedge. Ficaram de fora, entretanto, os limites dos contratos.

Fluxo – O resultado das operações de câmbio, às 19 horas, era negativo em US\$ 677 milhões no mercado de dólar comercial e de US\$ 415 milhões no flutuante. O movimento do flutuante vem crescendo substancialmente. Nesse mercado, os dólares são negociados basicamente por não-residentes. Ou seja, investidores brasileiros que estão no exterior.

O crescimento das remessas feitas pelo flutuante reflete a desconfiança dos próprios brasileiros, que deixam de procurar as alternativas internas para fugir de uma deterioração do real e partem rumo ao mercado externo. Na quarta-feira, dia da desvalorização do real, o saldo líquido ficou no vermelho em US\$ 1,1 bilhão.

■ Colaboraram Sérgio Lamucci e AE